



Editorial

MARÇO: MÊS DO “ECCE VENIO”

O mês de março reveste-se de particular relevância na história de Padre Dehon, sendo frequentemente mencionado em suas **Memórias** (NHV) e **Diário** (NQT) devido às datas marcantes em sua vida pessoal e institucional. É o mês de seu nascimento e de seu batismo (24 de março). O mês também é permeado por episódios de luto ou de ressurreição, como o falecimento de sua mãe em 19 de março de 1883, no dia de São José, e da “Chère Mère” (fundadora das Servas)



Foto: Luiz Henrique Z Ciarini.

em 17 de março de 1917, além da morte de seu diretor espiritual em Roma, P. Freyd, ocorrida em 6 de março de 1875. No âmbito institucional, recorda-se o dia 29 de março de 1884, celebrado como uma “pequena ressurreição” da Congregação, pois nesta data foi publicado o decreto de Roma que consolidou a renascimento da Obra o após a breve extinção através do *Consummatum est*.

Acerca do batismo de Padre Dehon recordamos o texto de suas **Memórias**: *“Fui batizado no dia 24 de março, na pobre igreja de La Capelle, pelo digno e respeitado P. Hécart [...] Era, acima de tudo, a primeira véspera da festa da Anunciação. Mais tarde, fiquei feliz por unir a lembrança do meu batismo à do Ecce Venio de Nosso Senhor. Essa aproximação me deu muita confiança. O Ecce Venio do Coração de Jesus protegeu e abençoou minha entrada na vida cristã. Nosso Senhor certamente não me culpará por ver nisso uma atenção de sua Providência em vista da minha atual vocação de Sacerdote-Hóstia do Coração de Jesus. Sempre tive uma veneração pela lembrança do meu batismo. [...] Em cada uma das minhas férias, fazia uma peregrinação piedosa às fontes sagradas do meu batismo [...]”* (NHV 1/2).

Em diversos escritos, como no final de sua vida (cf. NQT 45/68), Padre Dehon destaca a relação entre o batismo e o Ecce Venio com base nas Vésperas da Anunciação. Em outras palavras, a inserção de Padre Dehon no corpo místico de Cristo ocorreu sob o signo do *Ecce Venio*, que representa e sintetiza toda a trajetória do Fundador, caracterizada por obediência filial, amor oblato e pela alegre disponibilidade ao Reino do Coração de Jesus. É possível afirmar *Ecce Venio* plasma toda a biografia de Padre Dehon, conforme reconhecido pelo próprio autor:

“Nestas palavras: “Ecce Venio, Deus, ut faciam voluntatem tuam” [Hb 10,7 [...] encontram-se toda a nossa vocação, nosso objetivo, nosso dever, nossas promessas. Em todas as circunstâncias, em todos os acontecimentos, tanto para o futuro como para o presente, basta o Ecce Venio, desde que esteja no pensamento e no coração, ao mesmo tempo que nos lábios. “Ecce Venio”: aqui estou, ó meu Deus, para fazer a tua vontade. Estou disposto a fazer, a empreender, a sofrer o que tu quiseses, a sacrificar o que tu me pedires” (INE 914001).

Assim, a partir desta moldura de março como *Mês do Ecce Venio*, este quarto número do **InFormativo CELDE** estrutura-se a partir desta fecunda expressão carismática.

Na seção “Conhecendo a nossa Regra”, o artigo **“Neste amor de Cristo”: a “fonte da salvação” segundo Cst 3”**, o autor, P. José Gregório González (VEN), nos conduz por uma imersão no coração da identidade dehoniana através da análise de Cst 3. O texto nos coloca diante do coração aberto do Salvador, onde o sangue e a água revelam a articulação entre a interioridade mística e a da missão apostólica. Ao entrelaçar a obediência filial do *Ecce Venio* com a força reparadora que “nasce do amor como o fruto nasce da flor”, o autor provoca o leitor a compreender a reparação como uma presença ativa que nos configura a Cristo e nos impele para o Reino.

Na seção “Escritos do Fundador”, o artigo de P. Victor Barbosa – **O verdadeiro “código carismático” dos Dehonianos** – apresenta a obra *Diretório Espiritual*, de Padre Dehon, publicada em 1919 e considerada como o verdadeiro “código carismático” da Congregação. O texto indica algumas fontes da obra, uma descrição do seu conteúdo e uma análise da atualidade dessa obra para a família dehoniana, mais de um século após sua publicação, apontando critérios para a sua leitura hoje.

Na seção “Nossas origens” abordamos a trajetória de **P. Joseph Paris** (1858-1941), um dos pioneiros da Congregação, marcado por um temperamento ardente e uma doação integral à Obra. Entre desafios acadêmicos e “pequenas humilhações”, sua história revela que a santidade não exige a ausência de falhas, mas a integridade de uma vida demarcada pelo *Ecce Venio*. Conheça o professor de moral que “falava o que pensava” e que se manteve fiel na devoção ao Sagrado Coração.

Na seção “Atualidades” encontramos duas notícias. A primeira – **“Peregrinação, Memória e Missão: celebrando o nascimento de Padre Dehon em Quito”** – apresenta uma série de informações sobre o encontro jubilar que reunirá a Família Dehoniana no Equador entre 9 e 14 de março de 2026. Celebrando a primeira missão *ad gentes* da Obra na moldura do período jubilar (2025-2028), este

evento promove reflexões sobre o compromisso social e a identidade missionária sob o lema “*Adveniat Regnum Tuum*”.

No segundo texto, é desvelada a simbologia do logo do **VII Seminário Teológico Dehoniano Internacional**, cujo tema será “**Padre Dehon em seus textos**” e acontecerá em Taubaté entre 30 de julho e 4 de agosto de 2026. O logo, elaborado pelo P. José Ronaldo, é fruto de síntese contemplativa onde novos traços do rosto do Fundador emergem de seus escritos, unindo o legado do Fundador codificado em livros e as pesquisas teológicas da Congregação por ele fundada. É uma leitura essencial para compreender como a herança literária de Padre Dehon permanece viva, impulsionando a missão no “hoje de Deus” (Cst 147).

Desejamos a todos uma boa leitura.

P. Emerson M. Ruiz, scj
Diretor do CELDE

“Todos os acontecimentos da vida nos levam a Deus; as alegrias e as penas nos ajudam igualmente, se nós sabemos servir-nos delas”

(Padre Dehon, A vida interior I – VPR 62)



Conhecendo a nossa Regra

“Neste amor de Cristo”: a “fonte da salvação” segundo Cst 3

P. José Gregório González (VEN)

Os primeiros oito números das nossas Constituições podem ser entendidos como um grande prólogo, ao estilo do Evangelho de João, onde encontramos concentrados os elementos essenciais desse Evangelho. Assim, Cst 3 faz parte deste prólogo do nosso texto constitucional e está enquadrado na experiência de fé de Padre Dehon, na qual o carisma foi encarnado. Para Padre Dehon, a fé é uma presença ativa que se experimenta na própria vida, uma experiência mística e apostólica que nos configura a Cristo. O texto afirma:

*Nesse amor de Cristo, que aceita a morte
como doação suprema de sua vida
pela humanidade
e como obediência filial ao Pai,
é que Padre Dehon vê a fonte da salvação.
Do Coração de Jesus, aberto na cruz,
nasce o homem de coração novo,
animado pelo Espírito Santo
e unido aos seus irmãos
na comunidade de amor, que é a Igreja”*

Para aprofundar a centralidade do amor de Deus manifestado no costado transpassado, tal como é apresentado em Cst 3, gostaríamos de propor três pontos para nossa reflexão: (1) partimos da primeira afirmação do texto - “Nesse amor de Cristo” -, evidenciando a expressão mais evocativa do amor para

Padre Dehon, para depois (2) deter-nos na “*obediência filial ao Pai*”, para concluir (3) com o amor como “*fonte da salvação*”, isto é, o amor que regenera, porque na espiritualidade dehoniana o amor é sempre gerador de vida e salvação: o amor é reparador.

1. “Nesse amor de Cristo”

Nosso texto constitucional nos convida a dirigir nosso olhar para “esse amor” (cf. Cst 2), isto é, o lado transpassado do Salvador, em quem contemplamos a “expressão mais evocadora desse amor” (Cst 2), “*um amor que, na doação total de si mesmo, recria o homem segundo Deus*” (cf. Cst 21).



Toda a vida de Jesus foi uma vida oblativa, uma vida doada, entregue e dirigida ao Pai e aos seus irmãos e irmãs através da sua disponibilidade. Padre Dehon contempla no lado aberto a expressão mais elevada do amor, um amor que não pode deixar de se entregar a si mesmo. Amar até ao extremo não indica uma realidade temporal, mas um amor transbordante, um amor que ama até ao extremo porque não é possível amar mais. Padre Dehon afirma que “*a Paixão é a obra-prima do amor do Coração de Jesus*” (cf. CAM 2/11) e o ponto mais alto deste movimento de amor. É a este amor que se refere o início de Cst 3 quando diz: “Nesse amor de Cristo”. De fato, o movimento oblativo ou de união à oblação reparadora de Cristo ao Pai pelos homens só pode ser compreendido a partir do

movimento do amor. Participar do amor oblato de Cristo implica entrar nesta lógica do amor que se entrega até ao extremo. É interessante que no texto bíblico de Jo 19, no qual localizamos a imagem mais evocativa do amor, encontramos os elementos do sangue e da água, um duplo movimento de dentro para fora e de fora para dentro, um movimento místico e apostólico próprio do amor que não pode se fechar em si mesmo.

O biblista Ignace de La Potterie (cf. *Il Costato Trafitto di Gesù*, p. 641), após estudar a estrutura literária do texto da Paixão de Cristo, do Evangelho de João, afirma que tanto o sangue como a água que brotam do lado de Cristo são símbolos de vida, *simbolizando, respectivamente, a vida de Jesus*, sua interioridade e *a vida da Igreja* com o dom do Espírito, como podemos apreciar na seguinte tabela:

Jo 19	v. 28	v. 30	v. 34	
	Discurso narrativo	Discurso narrativo	Linguagem simbólica	
Tema cristológico A vida de Jesus	"Tudo está consumado" 	"Está consumado!" 	"Sangue" 	<i>Do exterior para o interior</i>
<i>Do interior para o exterior</i>	"Tenho sede"	"Entregou o Espírito"	"Água"	Tema pneumatológico A vida da Igreja

O sangue indica que "tudo está consumado", a revelação de uma vida vivida totalmente em obediência ao Pai e a máxima manifestação do amor pelos seres humanos. "Tudo está consumado" expressa a forma mais elevada do amor (ápice), mais do que uma simples afirmação cronológica, é um "eu concluí, Pai, cumpri o que me encarregaste", sendo assim o "tudo está consumado" um grito de vitória.

A água que brota do lado de Jesus é símbolo do Espírito Santo doado à Igreja, é a água viva que mana do seu seio e brota para a vida eterna. Enquanto o sangue nos remete para a vida de Jesus, para a sua interioridade e consciência, o Espírito, simbolizado pela água, conduz-nos à vida da Igreja.

O sangue e a água que brotaram do Transpassado são símbolos inseparáveis: a água, que simboliza o Espírito Santo, torna presente na história, na Igreja, a vida de Jesus e seu profundo desejo de realizar o projeto do Pai, desejo que é simbolizado pelo sangue. Tanto o sangue quanto a água simbolizam a vida, a vida nova que brotou do lado de Jesus. No sangue contemplamos a vida de Jesus e na água o seu Espírito que dá vida à Igreja, o sangue e a água são inseparáveis, tal como o são o amor e a reparação. No duplo movimento dos símbolos do sangue e da água fundamenta-se a nossa mística da ação, ou seja, o nosso movimento para a união com Deus e, em Jesus, para o mundo, a missão.

Para concluir este primeiro ponto, citamos uma frase extraída da obra *Coração sacerdotal de Jesus*, na qual Dehon afirma que o que repara é o amor, ou seja, a reparação brota e é precedida por ele: “*A reparação nasce do amor e da gratidão como o fruto nasce da flor*” (CSJ 11). A afirmação da nossa Regra de Vida “Nesse amor de Cristo” nos convida a levantar os olhos para a máxima expressão do amor manifestado no lado aberto do Salvador (cf. Jo 19,37) e no duplo movimento dos símbolos do sangue e da água, no qual se fundamenta a nossa mística da ação.

2. “Como obediência filial ao Pai”

A experiência espiritual em Dehon é, antes de tudo, uma abertura ao amor de Deus, uma vida vivida como um dom ao Pai e aos homens, seus irmãos. A obediência só tem sentido no amor, por isso em Padre Dehon a obediência filial, o *fiat* (a confiança) e o abandono (a oblação) se entrelaçam no *Ecce Venio*. Sem a experiência fundadora do amor, da comunhão com Deus e com os irmãos, dificilmente poderemos falar de uma verdadeira obediência.

A experiência cristã é um caminho que progressivamente nos torna livres, porque somente onde há liberdade há amor, que é um dom gratuito e a fonte da obediência cristã, que transcende o cumprimento de uma lei ou o cumprimento

de uma ordem. A obediência é comunhão, abertura e disponibilidade. Mesmo nos momentos mais difíceis da nossa vida, se nos sentimos amados, é possível obedecer e oferecer a nossa disponibilidade até ao fim. A obediência brota da confiança que nos faz dizer com Jesus: “Está consumado” (Jo 19, 34). O adjetivo “filial” – de obediência filial – qualifica o modo da nossa obediência, uma obediência que brota da comunhão com Deus e com os irmãos. O *Ecce Venio* é fruto da experiência do amor.

Ecce Venio é uma expressão muito presente nos escritos de Dehon. Nas notas sobre *O espírito da Obra* (1877-1881), ele escreve:

“Nestas palavras: *“Ecce Venio, Deus, ut faciam voluntatem tuam”* [Hb 10,7], e nestas outras: *“Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum”* [Lc 1,38], encontram-se toda a nossa vocação, nosso objetivo, nosso dever, nossas promessas. Em todas as circunstâncias, em todos os acontecimentos, tanto para o futuro como para o presente, basta o *Ecce Venio*, desde que esteja no pensamento e no coração, ao mesmo tempo que nos lábios. “*Ecce Venio*”: aqui estou, ó meu Deus, para fazer a tua vontade. Estou disposto a fazer, a empreender, a sofrer o que tu quiseses, a sacrificar o que tu me pedires. Não devemos nos preocupar, a vontade de Deus se manifesta a cada instante e, mesmo que a escuridão e a incerteza encham nossa mente e nosso coração, perseveremos com paciência e amor neste estado, até que a sabedoria e a bondade de Deus decidam fazer brilhar novamente sua luz. (INE 914001).



O *Ecce Venio* em Padre Dehon não é apenas um lema, mas uma experiência fundamental, pois é uma resposta ao amor de Deus e uma abertura aos outros (*Sint Unum*) e uma cooperação ou solidariedade diante dos apelos do mundo (*Adveniat Regnum Tuum*). O *Ecce Venio* é a atitude fundamental de Jesus:

“Toda a sucessão da vida... não foi mais do que o desenvolvimento e a execução deste primeiro ato. Jesus está inteiramente neste *Ecce Venio*, com todo o seu Coração, todo o seu amor, todos os seus méritos, todos os seus mistérios futuros. Eu venho, exclama ele, vou para Nazaré, para o presépio, para o exílio, para a minha vida oculta, para a minha vida pública, para o meu apostolado, para as perseguições, para a minha agonia, para a cruz,

para o sepulcro: *Ecce Venio*. Ele previu tudo, aceitou tudo e, por assim dizer, cumpriu tudo antecipadamente neste único ato" (CAM 1/65).

Para Padre Dehon, o *Ecce Venio* de Jesus é uma disponibilidade total que brota do amor ao Pai e a nós, seus irmãos. O *Ecce Venio* em Jesus é uma resposta de amor, uma atitude fundamental. Sem a experiência do amor não há uma verdadeira experiência do *Ecce Venio*, da obediência, essa atitude faz da vida de Jesus uma entrega total de si mesmo. O *Ecce Venio*, a obediência, é um caminho de plenitude humana, um caminho de dar vida com a própria vida. Somos chamados a viver o *Ecce Venio* como disponibilidade, como dom (oblação) e como cooperação: *"Nossa oblação deve ser, à semelhança da de Nosso Senhor, generosa, total e eterna. Generosa e pronta: Nosso Senhor não esperou para pronunciar o seu "Ecce Venio: ingrediens mundum", desde o primeiro instante da sua concepção, entrega-se totalmente a Deus. Assim, não mais hesitações, não mais demoras"* (CAM 1/67).

O nível mais alto do *Ecce Venio*, da obediência, é a entrega total da vida por amor. Para mergulhar nessa dinâmica, é necessário um caminho de amizade com o Coração de Jesus, é necessário entrar em seu Coração através do lado aberto e sair renovados, participar do duplo movimento de interioridade, mística e ação, como foi demonstrado anteriormente. O *Ecce Venio*, se não for movido pelo amor, não é autêntico ou, pelo menos, não é vivido com o mesmo espírito com que Jesus de Nazaré o viveu.

3. A modo de conclusão: "A própria fonte da salvação"

Em nosso texto constitucional, amor e reparação são inseparáveis. Desde os primeiros capítulos, fica evidente o centro de onde brota o carisma dehoniano: o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, cujo lado traspassado é a máxima expressão desse amor, fonte da salvação (Cst 2-3). Esta dupla irá se desenvolvendo ao longo de toda a Regra de Vida, por isso afirmamos que os primeiros oito números são como uma espécie de prólogo no qual encontramos os elementos fundamentais.

Um sinônimo do amor de Cristo em nosso texto constitucional é a palavra oblação. Na verdade, ali não se define o que é oblação, mas ao falar da oblação o texto afirma que somos convidados a "inserir-nos no movimento

do amor redentor” de Deus manifestado em Jesus Cristo (Cst 21). A oblação é um amor que, ao se doar totalmente, recria, repara e regenera (cf. Cst 20). O binômio de Cst 3 – “neste amor de Cristo [...] fonte da salvação” – alude a palavras semelhantes como: “oblação reparadora” (Cst 6), “amor redentor” (Cst 21), “amor que regenera” (Cst 20).

O centro do carisma dehoniano é o Coração de Cristo, o seu amor que, por um lado, nos abre o acesso à comunhão trinitária e, por outro, nos impele simultaneamente para a comunhão com os seres humanos: para o Reino. Para Padre Dehon, portanto, tudo gira em torno do Coração de Cristo, o Verbo encarnado, Aquele que, em sua ferida externa e visível, nos fez descobrir a interna, a ferida do amor que torna presente o reino através de sua força de atração: *“Quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”* (Jo 12,32).

Em suma, a reflexão sobre a Cst 3 revela que o carisma dehoniano encontra sua força vital no amor de Cristo manifestado no lado aberto, reconhecido por Padre Dehon como a fonte suprema da salvação. Esse amor, simbolizado pelo sangue e pela água, fundamenta uma mística da ação que une a interioridade da obediência filial – o *Ecce Venio* – ao compromisso apostólico reparador de regenerar a humanidade. Assim, a identidade dehoniana se consolida na indissociabilidade entre amor e reparação, impelindo cada membro da família dehoniana a uma doação que, centrada no Coração de Jesus, busca simultaneamente a comunhão trinitária e a edificação do Reino.



**“Façamo-nos santos e
façamos santos”**

(Padre Dehon, Carta a Guillaume –
1LD 75117)

Escritos do fundador

O verdadeiro “código carismático” dos Dehonianos

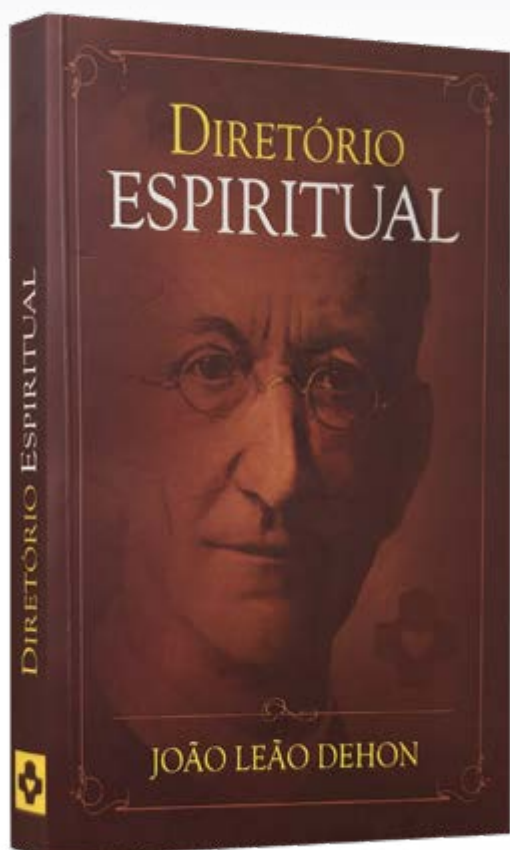
P. Victor de Oliveira Barbosa, scj

A publicação do *Diretório Espiritual dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus*, em 1919, representa um momento decisivo na maturação espiritual e carismática de Padre Dehon. Redigido após a experiência dolorosa da Primeira Guerra Mundial e um profundo processo de revisão pessoal e congregacional, o texto tornou-se uma das sínteses mais significativas da espiritualidade dehoniana e, para muitos, o verdadeiro “código carismático” dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus.

O *Diretório Espiritual* foi publicado originalmente em francês e apresenta-se como um guia espiritual destinado à formação e à vida interior dos religiosos da Congregação fundada por Padre Dehon em 1878. Estruturado em diversas partes temáticas, o *Diretório* recolhe elementos das Constituições, escritos espirituais do fundador e tradições devocionais da época, oferecendo um itinerário de vida religiosa centrado na união ao Coração de Cristo.

A obra se organiza como uma verdadeira pedagogia espiritual, articulada em torno de núcleos carismáticos fundamentais. A primeira parte, dedicada ao “espírito da vocação”, procura explicitar a identidade espiritual dos dehonianos mediante três eixos principais: a devoção ao Sagrado Coração, a santificação pessoal e o zelo apostólico pela salvação das almas. Essa tríade traduz a finalidade do Instituto e manifesta a dinâmica vocacional que parte do chamado do Coração de Jesus, passa pela configuração interior do religioso e culmina na missão.

Ainda nessa seção, Padre Dehon propõe a simbologia dos três dons oferecidos pelos Magos — ouro, incenso e mirra — como expressão do amor puro, da imolação e do sacrifício. Tais categorias convergem para a oferta total do ser, indicando que a vocação dehoniana implica uma entrega que envolve coração, vontade e corpo. O tema da reparação aparece como resposta de amor ao amor não correspondido de Cristo (*redamatio*) e assume uma tonalidade positiva ao ser compreendido como participação sacerdotal na obra redentora.



A segunda parte apresenta os modelos e patronos da vocação, iniciando com Jesus, Maria e José, contemplados como paradigma de oblação e adesão à vontade divina. A expressão *Ecce venio*, aplicada a Cristo, torna-se síntese da atitude espiritual desejada para os dehonianos, caracterizada pela disponibilidade oblativa e pela união aos mistérios da vida do Senhor. Outros santos e figuras espirituais são propostos como testemunhas concretas dessa mesma dinâmica de união e oferta.

A terceira parte trata sobre os votos e a vida religiosa, um texto mais jurídico que apresenta muitos elementos que indicam o projeto carismático dehoniano. A quarta parte indica as regras de disciplina da Congregação, com indicações ascéticas sobretudo. Padre Dehon propõe na quinta parte os exercícios de piedade que devem marcar a vida espiritual de um dehoniano. Por último, na sexta parte, apresentam-se as virtudes próprias da vocação dehoniana, ou seja, um conjunto de atitudes espirituais que correspondem ao que o Fundador chamava de espírito e fim da nossa vocação.

A recorrência de termos como “vítima”, “sacrifício”, “abandono” e “imolação” em todo o texto revelam a centralidade da espiritualidade oblativa na obra. Essa linguagem, própria do contexto histórico de Padre Dehon, aponta para um estilo de vida marcado pela disponibilidade radical ao projeto de Deus e pela participação amorosa na missão reconciliadora de Cristo.

Mais de um século após sua publicação, o *Diretório Espiritual* permanece uma fonte privilegiada para compreender a identidade da família dehoniana. Sua leitura permite reencontrar o núcleo inspirador do carisma, oferecendo critérios de discernimento vocacional, fundamentos para a vida comunitária e motivações para o apostolado.

Para religiosos e leigos vinculados ao carisma, o *Diretório* constitui um convite a revisitar as raízes espirituais que sustentam a missão comum. Ao mesmo tempo, a obra favorece uma releitura contextualizada, capaz de distinguir elementos permanentes — como a centralidade do amor oblativo e da reparação — de expressões historicamente condicionadas.

Ler o *Diretório* hoje significa entrar em diálogo com a experiência espiritual do fundador e deixar-se interpelar por sua proposta de união ao Coração de Cristo como caminho de transformação pessoal e serviço eclesial. Nesse sentido, a obra não é apenas documento histórico, mas instrumento vivo de formação e inspiração.

Assim, redescobrir no contexto contemporâneo o *Diretório Espiritual*, que foi publicado em português pela Editora SCJ em 2019, constitui um gesto de fidelidade criativa ao carisma dehoniano. Ao percorrer suas páginas, a família dehoniana é convidada a renovar a consciência de sua identidade e a reavivar o dinamismo missionário que brota do amor, da oblação e da reparação — tríade que continua a delinear o horizonte espiritual deixado por Padre Dehon.

Nossas origens

P. Eugene Paris (1858 - 1941): um professor de moral que falava aquilo que pensava

P. Emerson M. Ruiz, scj



Nascimento: 24.01.1858 (Buironfosse)

Primeira profissão: 01.11.1880

Profissão perpétua: 17.09.1886

Ordenação sacerdotal: 17.12.1881

Falecimento: 13.01.1941 (Neussargues)

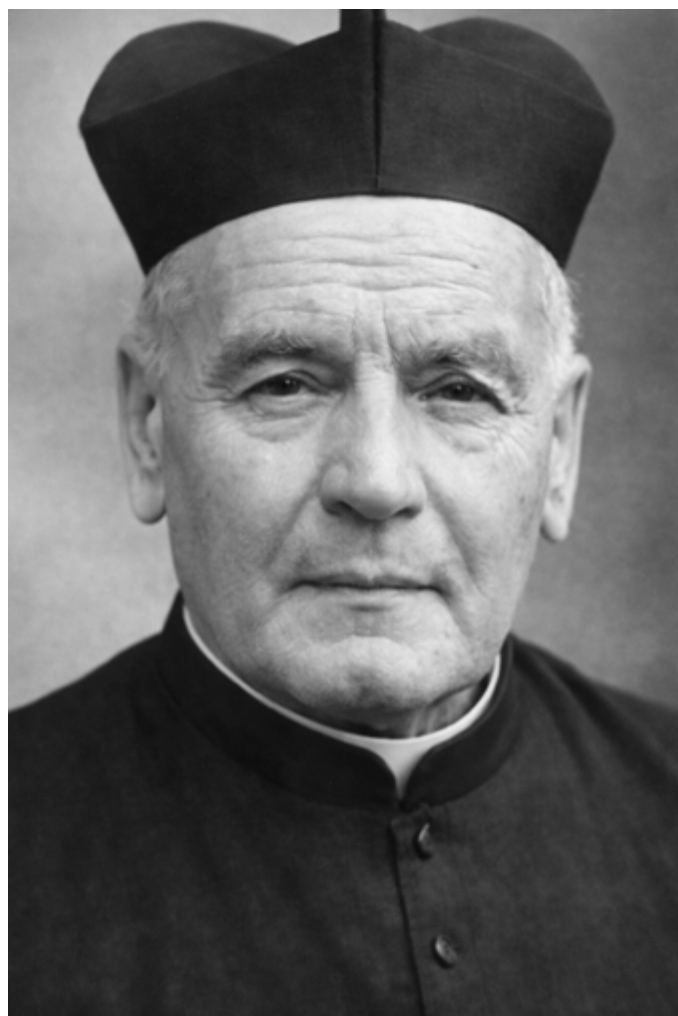
Eugene Joseph Paris nasceu em 24 de janeiro de 1858, em Buironfosse, a poucos quilômetros de La Capelle. Com onze anos, conheceu Padre Dehon, que o ajudou a entrar no seminário de Soissons. Sua vocação religiosa se revelou mais tarde, quando ingressou nos **Oblatos do Coração de Jesus**, em 1878.

Como noviço, Paris servia missa todos os dias junto ao Padre Dehon na capela das Irmãs Servas do Sagrado Coração. Segundo Mons. Joseph Philippe (2º superior geral), Paris tinha *“um temperamento ardente e um caráter forte. Todas as manhãs ele acompanhava o Fundador à Casa Mãe das Irmãs e servia a Santa Missa. Durante toda a sua vida, lembrava-se do tempo de sua formação e contava com simplicidade infantil as travessuras de seu atrevimento juvenil. Foi necessária a paciência e a profunda compreensão de um Padre Dehon para reduzir a torrente espumosa a seus devidos limites”* (DEH 2016-05-IT/167). A

correspondência entre Padre Dehon e Paris vai mostrar que esta “torrente” gerou alguns alagamentos...

Fez a profissão em 1º de novembro de 1880. Após concluir seus estudos no Instituto Católico de Lille, foi ordenado em 17 de dezembro de 1881. Logo depois esteve envolvido em algumas obras dos primórdios: missão paroquial, Patronato São José e Colégio São João.

Um dos traços marcantes de P. Paris era a devoção ao Coração de Jesus. Muitas cartas começam com a saudação: “*Cor Jesu suavissimum, amor noster*”. Durante os estudos em Lille difundia as orações e os livros da Tríplice Coroa do Sagrado Coração (Coroas de Amor).



P. Eugene Joseph Paris (1858 - 1941).

Padre Paris obteve um diploma de bacharel em literatura em novembro de 1885, especializando-se em geografia e história. Logo em seguida, na Universidade de Rennes, tornou-se especialista em pedagogia.

Entre 1893 e 1896, foi Conselheiro Geral, no período em que o grupo do P. Blancal fazia contestação a Padre Dehon. Infelizmente, P. Paris era próximo ao primeiro, sem, no entanto, ser um grande opositor a Padre Dehon.

Em 1903, ano da expulsão da Congregação da França, Padre Dehon o enviou para Olinda, no norte do Brasil, mas o projeto não foi adiante e ele retornou no ano seguinte.

Foi nomeado professor do escolasticado de Louvain e lecionou hebraico até 1912. Era bom professor, mas com fama de ser exigente... Em 1912, quando era professor de teologia moral, Padre Dehon lhe escreveu:

“Estamos confiando a você o curso de Moral. Você terá de ser muito prático: Génicot e sempre Génicot! Você o dividirá de acordo com o número de tratados a serem vistos durante o ano. Faça com que o Génicot seja bem explicado, sem grandes desvios tomistas [...]. Todos os dias, apresente alguns números de Génicot de maneira clara. Consiga uma coletânea de casos de consciência, para que você tenha alguns exemplos para dar durante o curso. Acima de tudo, não seja impetuoso. Seja paciente e gentil. Não se deixe levar pelo descontrole. Seja cortês em suas relações com os alunos. Não use palavras ofensivas. Faça com que eles esqueçam qualquer falha do passado. Desde a primeira aula, diga a seus alunos que você lhes dará uma aula prática e simples, de modo a prepará-los bem para os exames de ordenação e para o ministério. Sei que posso contar com sua docilidade. A Santíssima Virgem e São José o ajudarão” (1LD 30001).

Entre as recomendações do fundador está a utilização do “Génicot”, uma referência a Eduardus Génicot (1856–1902), reconhecido jesuíta belga. Professor na Universidade de Lovaina, Génicot foi autor da obra *“Institutiones theologiae moralis”*, publicada inicialmente em 1896 e revisada em diversas edições subsequentes, consolidando-se como um manual clássico de teologia moral. A orientação tinha como finalidade assegurar mais objetividade às aulas ministradas por P. Paris.

Parece que os conselhos não produziram o efeito esperado e por isso em 1913, Padre Dehon o enviou para ser pregador em Quévy. Padre Paris encarou isso como uma humilhação. O fundador escreveu-lhe novamente em 15 de maio de 1913: *“Uma pequena humilhação não deve detê-lo. [...] a cruz é a nossa vida. Uma cruz vale mais do que 500 rosários. Todos estimam sua piedade, embora ela seja considerada um pouco original. Apesar de tudo, eu o estimo muito e não gostaria por nada no mundo que você me deixasse. Ajude-me a carregar a cruz como Simão de Cirene e não se oponha a mim”* [1LD 30003].

Quando Padre Dehon morreu, foi o P. Paris, como o membro mais velho da Congregação, a presidir a Missa de Réquiem em 17 de agosto de 1925. Em 1931, celebrou o jubileu áureo de sacerdócio, sendo o primeiro membro da Congregação a atingir esse marco.

Logo em seguida, sua saúde definhou e ficou cego. Faleceu em 1941, em Neussargues, após completar 60 anos de profissão religiosa.

Segundo o P. Egidio Driedonx, P. Paris era um homem pouco diplomático, que falava o que pensava. Foi sobretudo um religioso de tradição que havia conhecido os anos difíceis da Congregação nos primórdios de sua fundação, mas também seu desenvolvimento. Foi um dos professores mais dedicados do início da Obra.

Algumas cartas do fundador podem dar a impressão de que P. Paris representou um problema para a congregação nos seus primórdios. Pelo contrário, Mons. Joseph Philippe, após apresentar a história de P. Paris afirma que *“a nossa geração precisa de homens assim”* (DEH 2016-05-IT/169).

Padre Paris foi inteiramente devotado à congregação. Foi por inteiro, com suas virtudes e limites e assim permanece como uma experiência de fé fundamental. Em 1884, P. Paris, escreveu uma carta ao P. Falleur: *“Como estamos felizes, querido P. Falleur, por termos sido escolhidos, em primeiro lugar, para tal obra! Talvez sejamos esmagados e moídos como os primeiros materiais de fundação sob as pedras de um edifício”* (AD. B. 19.4.3). A peculiar riqueza da história de P. Paris nos ajuda a entender que a perfeição da oblação não consiste na ausência de falhas, mas na integridade de uma vida entregue e, neste sentido, a vida deste irmão mais velho possui fecunda atualidade.



“O conhecimento da nossa debilidade conduz-nos à confiança em Deus”

(Padre Dehon, Notas sobre a história da minha vida – NHV 4/216)

Atualidades

Peregrinação, Memória e Missão: o jubileu congregacional em Quito

P. Emerson M. Ruiz, scj

Mais de 80 membros da Família Dehoniana estarão reunidos no **Jubileu Dehoniano em Quito**, no Equador, entre os dias **9 e 14 de março de 2026**. A seleção de Quito como sede do encontro continental está fundamentada no fato de que o Equador foi o país que recebeu a primeira missão *ad gentes* da Congregação, com atuação dos religiosos no período de 1888 a 1896.

O evento faz parte das celebrações recomendadas pelo último capítulo geral (2024), marcando tanto o centenário de falecimento do Padre Dehon (1925-2025) quanto o sesquicentenário de fundação do Instituto (1878-2028). A proposta deste segundo evento jubilar (o primeiro foi em Bruxelas, local do falecimento de Padre Dehon) é incentivar os membros da Família Dehoniana a refletirem sobre a identidade e missão.

A programação será norteada pelo lema “**Adveniat Regnum Tuum**” e contará com um itinerário de espiritualidade e estudos. Os elementos centrais incluem conferências e debates em grupo sobre o legado do Fundador, focando em temas como o compromisso social, a missão formativa e os desafios contemporâneos do apostolado. O cronograma inclui, além das reflexões teológicas, um encontro especial com os jovens dehonianos, agendado para acontecer entre os dias 12 e 14 de março. A Província BSP será representada pelo Ir. Valdemar Scramin, juntamente com os padres Emerson Ruiz, Demetrius Cavalcanti, José Ronaldo e Victor Barbosa. Os *Leigos Dehonianos* estarão sob a representação de seu coordenador, Sr. Samuel Martins (Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Méier). A *Juventude Dehoniana* indicou as jovens Maria

Eduarda Guirardi (Paróquia Nossa Senhora de Lourdes) e Ane Kelli de Freitas (Paróquia Nossa Senhora da Penha) como seus representantes.



Basílica del Voto Nacional em Quito, Equador. (Foto: Michael Shade)

O encerramento do jubileu será marcado por um evento significativo para a história dos dehonianos no Equador. No dia 13 de março, os participantes farão uma peregrinação que partirá da *Basílica del Voto Nacional* em direção à *Paróquia El Belén*, igreja que esteve sob a responsabilidade dos dehonianos entre 1889 e 1896, seguida por uma Vigília Dehoniana. O encontro culmina no sábado, 14 de março, com a Missa de encerramento na *Basílica del Voto Nacional*, presidida pelo Superior Geral, P. Carlos Luís Suárez Codorniú, em memória do nascimento de Padre Dehon e como símbolo de envio missionário para que todos atuem como profetas do amor e servidores da reconciliação. Vale destacar que a construção da *Basílica del Voto Nacional* foi um dos motivos que levou Padre Dehon a enviar religiosos para aquele país.

A programação detalhada do evento está apresentada a seguir e o evento será integralmente transmitida pelas redes sociais da Congregação.

JUBILEU DEHONIANO

QUITO, 9 a 13 de março de 2026

Adveniat Regnum Tuum



SEGUNDA-FEIRA | 09.03 | ACOLHIDA

Chegada, acomodação e credenciamento

18h30	Santa Missa <i>Presidente: P. Bruno Roque dos Santos (ECU)</i>
19h30	Jantar
20h30	Momento de convivência e apresentação <i>Organização: Dehonianos ECU</i>

TERÇA-FEIRA | 10.03 | MEMÓRIA E MISSÃO

07h30	Santa Missa de abertura <i>Presidente: P. Benjamín Ramos Fraile (ECU)</i>
08h30	Café da manhã
09h15	Manhã de Espiritualidade <i>Jubileu dehoniano: memória agradecida e fidelidade criativa</i> <i>P. Carlos Luís Suárez Codorniú</i>
11h30	Adoração ao Santíssimo
12h30	Recreio
13h00	Almoço
15h00	Conferência <i>A importância de Saint Quentin na vida de Padre Dehon e da Congregação</i> <i>P. José Agostinho Sousa (POR)</i>
17h00	Break
17h30	Conferência <i>Uma Congregação Missionária: insistência missionária de Padre Dehon apesar dos fracassos — Equador</i> <i>P. Emerson M. Ruiz (BSP)</i>
19h00	Santo Terço <i>Organização: Leigos Dehonianos</i>
19h30	Jantar
20h30	Momento de convivência <i>Organização: Dehonianos BRE, BRM, BSP, BSL e BMT</i>

QUARTA-FEIRA | 11.03 | FORMAÇÃO E APOSTOLADO

07h30	Santa Missa <i>Presidente: P. Willyans Prado Rapozo</i>
08h30	Café da manhã
09h15	Conferência <i>Formar com o coração: o discernimento do Reino na missão formativa de Padre Dehon</i> <i>P. Renato Vieira Lima (BRM)</i>
10h00	Estudo em grupos
11h00	Conferência <i>Padre Dehon como formador: redescobrimos as fontes dehonianas</i> <i>P. Délio Ruiz (ECU)</i>
11h45	Santo Terço <i>Organização: Formandos Dehonianos</i>
12h30	Recreio
13h00	Almoço
15h00	Conferência <i>A família na obra “Catecismo Social” de Padre Dehon</i> <i>P. Emerson Marcelo Ruiz (BSP)</i>
15h45	Break
16h15	Conferência <i>Padre Dehon missionário nos escritos do apostolado social: as Conferências Romanas e os desafios contemporâneos</i> <i>P. Lucasz Grzeda (APU)</i>
17h00	Estudo em grupos
18h00	Intervalo
19h00	Adoração ao Santíssimo
20h00	Jantar
21h00	Momento de convivência <i>Organização: Dehonianos APU</i>

JUBILEU DEHONIANO

QUITO, 9 a 13 de março de 2026 | *Adveniat Regnum Tuum*

QUINTA-FEIRA | 12.03 | SÍNTESE CARISMÁTICA E JUVENTUDE

07h30	Santa Missa <i>Presidente: P. Pedro Silva de Moura (BRE)</i>
08h30	Café da manhã
09h15	Conferência <i>“Adveniat Regnum Tuum” em Padre Dehon: Reino, reparação e oblação</i> <i>P. Victor Oliveira Barbosa (BSP)</i>
10h30	Intervalo
10h45	Conferência <i>Permaneça no meu amor: a missão do dehoniano na construção do Reino</i> <i>P. Willyans Prado Rapozo</i>
11h45	Santo Terço <i>Organização: Dehonianos VEN</i>
12h30	Recreio
13h00	Almoço

ENCONTRO COM OS JOVENS

15h00	Animação e acolhida
15h30	Palavra do Superior Geral
16h45	Break
17h15	Conferência <i>Amar com o Coração: seguir a Jesus nos passos de Padre Dehon</i> <i>P. Victor Oliveira Barbosa (BSP)</i>
19h00	Jantar
20h00	Vigília Dehoniana (Adoração Solene)

JUBILEU DEHONIANO

QUITO, 9 a 13 de março de 2026 | *Adveniat Regnum Tuum*

SEXTA-FEIRA | 13.03 | PEREGRINAÇÃO

07h30	Santa Missa <i>Celebrante: P. Charles Aimé Koudjou</i>
08h15	Café da manhã
09h00	Saída para passeio <i>(Mitad del Mundo e Centro Histórico)</i>
16h00	Peregrinação <i>Discípulos de Padre Dehon, com Cristo, a serviço do Reino</i> <i>(trajeto: Basílica del Voto Nacional → Iglesia de El Belén)</i>
17h00	Adoração ao Santíssimo
18h00	Retorno
20h00	Jantar
21h00	Noite cultural

SÁBADO | 14.03 | ENVIO

07h30	Adoração
08h15	Café
09h45	Saída para a Basílica
11h00	Missa de encerramento <i>Basílica del Voto Nacional</i> <i>Presidência: P. Carlos Luís Suárez Codorniú</i>

Tarde livre

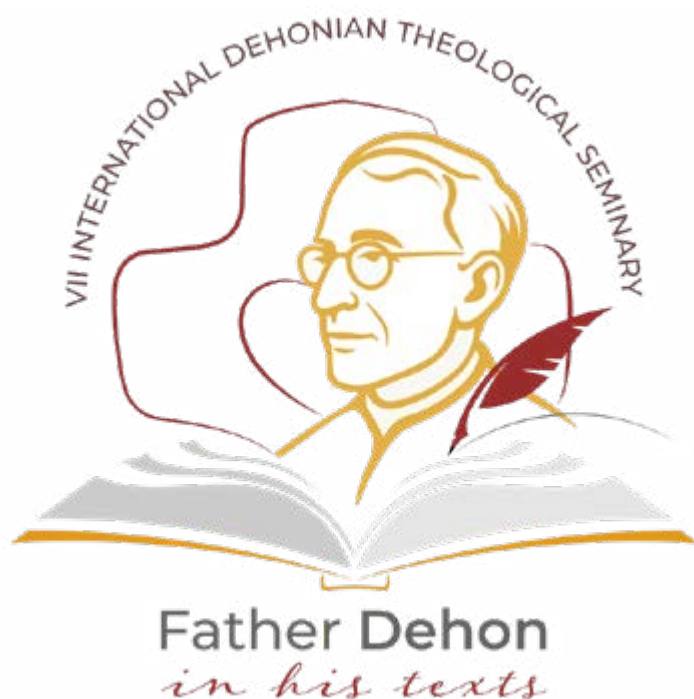
JUBILEU DEHONIANO

QUITO, 9 a 13 de março de 2026 | *Adveniat Regnum Tuum*

Concepção do Logo do VII Seminário Teológico Dehoniano Internacional

P. Emerson M. Ruiz, scj

O logotipo do **VII Seminário Teológico Dehoniano Internacional**, de autoria do P. José Ronaldo de Castro Gouvêa (BSP), busca apresentar uma síntese contemplativa do tema deste evento congregacional: **“Padre Dehon em seus textos: explorando a presença autoral implícita de Léon Dehon em seus vários escritos”**. Cada elemento – rosto de Padre Dehon, caneta, livro, cores, tipografia, etc. – remete ao legado do Fundador, incentivando-nos a ouvir atentamente o seu coração inquieto, que, de certa forma, está registrado nas páginas de seus escritos.



Eis a descrição da dinâmica que orientou a confecção deste logo:

a) A Cruz Dehoniana como horizonte... Disposta de forma estilizada ao fundo, a cruz serve como abraço que envolve toda a composição. Ela nos lembra que toda a produção literária de Padre Dehon nasce do Coração aberto e a ele retorna na forma de reparação. Assim, o Seminário ancora-se na certeza de que toda pesquisa teológica brota do “mistério do seu Coração” (Cst 17)

b) O rosto que emerge do livro... No centro, a silhueta de Padre Dehon, em traços simples, parece emergir das páginas de um livro aberto. Esta imagem simboliza o “Dehon textual”, objeto do Seminário, que se revela na estrutura de seus livros, cartas e meditações. Em certo sentido, a fisionomia do Fundador se externaliza nos seus textos.

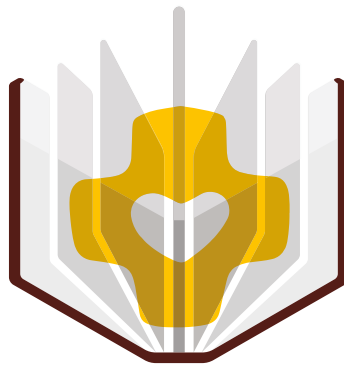
c) A pena e a continuidade do carisma... A caneta em forma de pena

repousa sobre a base da composição, unindo o passado e o presente. Ela recorda os diversos escritos do Fundador, mas também simboliza os trabalhos de pesquisa da Família Dehoniana hoje. É o convite para que nós, como novos leitores, continuemos a escrever as linhas dessa história, discernindo novos traços do rosto do Fundador que ainda aguardam para serem revelados. A caneta representa a herança de Padre Dehon, agora confiada à sua família. Isto é, a missão de cada dehoniano em *“fazer frutificar esse carisma conforme as exigências da Igreja e do mundo”* (Cst 1).

d) O encontro de estilos na tipografia... A combinação entre uma fonte moderna regular e a suavidade da escrita cursiva reflete o diálogo almejado neste Seminário: a interação entre as questões levantadas por Padre Dehon em seu tempo e os desafios do século XXI. A inscrição *“Padre Dehon em seus textos”* assinala o compromisso de seguir Jesus através do olhar sensível, crítico e perspicaz de Padre Dehon, refletidos nos seus escritos, fortalecendo os vínculos carismáticos com o Fundador e prosseguindo seus passos com fidelidade criativa.

e) VII Seminário Teológico Dehoniano Internacional... A inscrição destaca que o evento de Taubaté integra uma trajetória de reflexão teológica no âmbito do Instituto: i) *Theologia Cordis* (2008), em Lisboa; ii) *Missio Cordis* (2010), em Brusque; iii) *Anthropologia Cordis* (2014), em Taubaté; iv) *Carisma e devoções* (2017), em Yogyakarta, Indonésia; v) *Sint Unum* (virtualmente em 2020, originalmente programado para Yaoundé, Camarões) e vi) *Economia para todos* (2023), em Madri. Em suma, este é o sétimo encontro, organizado sob formatos nem sempre idênticos, mas cuja finalidade era a mesma: promover a reflexão teológica sobre o legado do Padre Dehon no interior do Instituto.

Dispostos em camadas sutis, os elementos do logo refletem os propósitos do **VII Seminário Teológico**: o discernimento, a partir dos textos de Padre Dehon, de novos traços, às vezes escondidos, de sua vida e mensagem. Projetado sob a moldura do centenário de sua morte (1925-2025) e do sesquicentenário da Congregação (1878-2028), a caneta ao centro do logo recorda que a história iniciada pelo Fundador em São Quintino continua a ser redigida pelas mãos de seus filhos no *“hoje de Deus”* (Cst 147).



CELDE

Centro de Estudos
Léon Dehon